



**Londres,
segunda metade do século XIX,
quinze dias para o Natal.**





Mr. Brown

— Não é possível fazer uma omelete sem quebrar os ovos!

Esse era um comentário que poderia soar um tanto óbvio na cozinha do porão da Mansão Holmes, onde a Sra. Macklin, a cozinheira, preparava seus pratos de qualidade duvidosa e seus ensopados insossos. No entanto, ali, naquele sótão empoeirado, a exclamação do jovem Sherlock Holmes parecia um tanto sem propósito, se não fossem conhecidos seus antecedentes.

E como Irene Lupin e Nikola Tesla, os únicos a ouvirem o desabafo de Sherlock, não fingiram ignorância, convém apresentar os fatos que conhecemos até então.

Nikola, o sérvio baixinho e invocado, foi roubado por um representante da misteriosa Companhia do Grande Oriente¹ assim que chegou a Londres. Injuriado, perseguiu o ladrão, mas só não foi preso por causa da intervenção de Sherlock, que prometeu ajudá-lo a recuperar os planos que detalhavam a invenção de um comunicador à distância. Com a ajuda de Irene Lupin, que viajara de Paris a Londres para recuperar o camafeu roubado pela Companhia, a única relíquia deixada

¹ *The Great East Company.*

pela sua falecida mãe, os três invadiram a sede da empresa. Escondida em um cofre que foi arrombado por Irene, encontraram uma agenda muito estranha, com anotações em código que detalhavam os planos seguintes dos patifes.²

Nikola fotografou a agenda e os três se refugiaram na Mansão Holmes, de onde partiram rumo ao interior, para visitar uma antiga amiga de Sherlock, Ada Augusta Byron, cujas habilidades matemáticas poderiam ajudá-los a decifrar o código. Escapando por pouco de serem assados em uma fornalha após perseguirem capangas da Companhia, eles se encontraram com Ada e, quebrando o código, descobriram que ela seria a próxima vítima. Após impedir o assalto às suas anotações, que desenvolviam um modelo teórico para uma máquina de calcular programável, voltaram para Londres com a intenção de confrontar Mr. Brown, o principal agente da Companhia, que iria mediar um evento científico do Instituto de Zoologia no Queen's Hall.

E por mais que estivessem prontos para qualquer aventura, nada lhes preparara para enfrentar um réptil jurássico alado, que escapara das mãos do Professor Challenger durante a conferência, causando pânico e destruição no teatro. Por muito pouco, não acabaram assassinados por um dos capangas da Companhia, que teve um triste fim nas garras do pterodátilo. Após fugirem no meio da confusão, Ada decidiu viajar para Nova Iorque e terminar as suas pesquisas, para publicá-las o quanto antes, o que afastaria o interesse da Companhia.³

Enquanto isso, os três aventureiros retornaram à Mansão Holmes. Infelizmente, mesmo correndo tantos perigos, os três não haviam descoberto nada de útil sobre Mr. Brown e seu empregador, um sujeito conhecido apenas como Barão. Seria ele alguém da nobreza, ou era apenas um apelido me-

2 Como visto em *Sherlock e os Aventureiros – O Mistério dos Planos Roubados*, já publicado.

3 Como visto em *Sherlock e os Aventureiros – O Problema dos Cálculos Maquinares*, já publicado.

galomaniáco? Nikola insistira em voltar à sede da Companhia após o fracasso no Queen's Hall, mas Sherlock e Irene não concordaram com esse plano de ação. Mr. Brown os vira durante o tumultuado debate. Não havia dúvidas de que ele seria duas vezes mais cuidadoso. Retornar à sede seria brincar com a sorte.

Só lhes restava, então, examinar a próxima fotografia tirada da agenda. No entanto, a mensagem deixou Sherlock perplexo. Utilizando o sistema criptográfico que Ada lhe ensinara, foi uma operação relativamente simples decifrar o código. Mas a solução não lhe trouxe paz, muito pelo contrário. A mensagem dizia apenas:

QUATORZE DE DEZEMBRO
DEZOITO HORAS
LONDRES

— Você tem certeza disso? — perguntou Irene, no dia posterior ao retorno de Herefordshire, lembrando-os de que as entradas na agenda foram fotografadas em um quarto escuro. Eles poderiam ter se enganado em alguma letra, por exemplo.

— A Cifra de Vigenère não funciona assim — respondeu Sherlock, com uma nota de reprimenda no tom enquanto os relembrava o que Ada explicara. — Uma letra a mais ou a menos não faria diferença, já que elas não influenciam a decodificação posterior.

— Bom, então o que isso quer dizer?

— Não sei — confessou Sherlock, irritado, afastando-se de Irene para andar pelo sótão. — Algo vai acontecer em Londres, na semana que vem, em um horário específico. As possibilidades são infinitas!

— Numerosas.

Sherlock se virou para Nikola, sem entender.

— Como?

— As possibilidades *ser* grandes, mas não são infinitas — explicou o garoto. — Mesmo uma cidade como esta contém um número finito de habitantes.

— Estamos falando de quase três milhões de pessoas, Nikola — grunhiu Sherlock, que não estava com paciência para reflexões matemáticas. — Isso é suficientemente grande para eu chamar de *infinitas*.

Nikola deu de ombros, sem se estender no assunto.

— Mas não estamos falando de todos os habitantes de Londres — comentou Irene, servindo-se de uma torrada que Sherlock roubara da mesa do café da manhã. — Se estivermos certos...

— Nós estamos certos! — cortou Sherlock, levando a ponta dos dedos às têmporas. — As evidências são claras: dois jovens prodígios, dois roubos. O padrão é absolutamente claro, até mesmo para uma...

— Uma *o quê?*

Sherlock jogou o corpo magro contra uma poltrona desconjuntada, levantando uma nuvem de poeira, que pairou lentamente, flutuando entre os fracos raios de sol que irrompiam pelas janelas sujas pela poeira de Londres. Lá fora, o elegante bairro de Sutton acordava aos poucos. Os mordomos, arrumadeiras, passadeiras e lacaios, obviamente, já estavam em pé há muito tempo. Mas os que fixavam residência naqueles domínios podiam se dar ao luxo de esticar o sono por mais algumas horas ou sorver lentamente uma xícara de café com o *London Times* nas mãos, enquanto discutiam a política internacional, o preço do algodão ou alguma fofoca real em suas mesas repletas de bolos e pães fofos.

No entanto, Sherlock já estava acordado desde as cinco da manhã. O sono leve fora interrompido pela mente agitada e seu mau humor só piorara desde então.

— Sei onde quer chegar, Irene — falou, mirando o chão.
— Mas isso não nos ajuda. Há milhares de jovens morando em Londres. Mesmo que apenas uma pequena parcela possa ser considerada especial em termos intelectuais, isso já nos deixaria com opções demais. E não há nenhum índice em que possamos buscar ajuda. Não há nenhum lugar onde este tipo de informação possa ser encontrada.

— Hum-hum! — murmurou Nikola, pensativo.

— O que foi?

— Nada não — resmungou Nikola, voltando-se aos próprios pensamentos.

Sherlock grunhiu, irritado pela interrupção sem sentido. Ele não teria como saber, mas Nikola não estava reclamando daqueles dias de paz. Depois de viver com um circo mambembe na Europa oriental, de trabalhar em minas de carvão na Prússia e de colher uvas no interior da França, tudo para conseguir dinheiro para chegar a Londres, era reconfortante ter uma cama para dormir, em um lugar seguro, sob um teto seco, com comida de sobra. Ele só sentia falta de sua oficina. Escondidos no sótão, não podia se dedicar a construir ou consertar suas máquinas e autômatos.

Se não fosse por aquela menina metida, aqueles dias poderiam ser considerados perfeitos.

— Bom, tenho certeza de que você vai dar um jeito, menino rico — Irene disse, encarando Sherlock. — Afinal, esta é a sua especialidade, não é?

E era este, obviamente, o motivo da frustração do mais jovem membro da família Holmes. Irene era filha de Arsène Lupin, o maior ladrão do mundo, e tinha aprendido com o pai os segredos do ofício. Nikola Tesla, por sua vez, era um pequeno e brilhante engenheiro, capaz de montar e criar artefatos maravilhosos.

E ele? Bem, Sherlock era apenas um jovem estudante, cuja escola encontrava-se em reforma até depois das festas natali-

nas, e que tinha muito tempo livre. Possuía uma mente afiada — sabia disso, apesar dos rompantes megalomaniacos —, e era isso que estava à prova. Fora *ele* que deduzira a tentativa de roubo de Ada Byron e era esperado que *ele* compreendesse onde seria o próximo ataque.

Mas a mensagem decodificada era simples. Simples *demais*. Não havia nada para basear suas deduções. Absolutamente nada.

— Eu preciso de dados — rosnara ele, nos últimos dias, como uma música de uma nota só. — Dados! Informações! Nós não temos nada!

— E se a gente voltar na tal Companhia? — insistiu Nikola.

— Não — disse Irene, taxativa. — A segurança lá deve estar reforçada. Esta é a primeira regra do meu pai: nunca voltar a uma cena de crime. Seríamos presos, na melhor das hipóteses.

— Irene está certa — concordou Sherlock, ao que a garota respondeu apenas com um soerguer de olhos, como se dissesse “é óbvio”. — Seria um passo muito arriscado.

— Então, o que podemos fazer?

Sherlock não sabia e, por isso, se calou. Seu nível de irritação aumentava a cada dia. A energia acumulada pela frustração e pela inevitabilidade dos acontecimentos o deixou com um aspecto doentio. Ele mal se alimentava e gastava cada vez menos tempo no sótão, onde os olhares cheios de expectativas dos seus dois colegas pareciam pressioná-lo ainda mais. A biblioteca se tornou seu refúgio. Seu pai precisaria trocar o tapete junto à janela quando voltasse, pois Sherlock gastara os pelos felpudos ao andar sem parar, de um lado para o outro, as mãos para trás e milhares de ideias atravessando o cérebro, como raios em uma tempestade. Ele analisou e reordenou os poucos dados que possuía sobre a *Great East Company*, o seu primeiro-tenente, Mr. Brown, e o misterioso Barão, que pa-

recia estar por trás de todas as maquinações. Examinou seus métodos, teceu ideias sobre seus objetivos e pensou sobre as possibilidades, sem chegar a lugar algum.

Era frustrante!

E a frustração se tornava duas vezes maior ao ser espancado no sótão todos os dias. Pedira para que Irene o ensinasse a lutar, já que andara se metendo em apuros o suficiente nos últimos tempos. Aquelas poucas horas sendo surrado pela garota eram os únicos momentos em que conseguia esquecer da agenda. Fizera alguns progressos, mas Irene tinha anos de prática e sempre o derrubava no final.

— Levante-se. Vamos de novo — dizia ela.

E eles continuavam trocando golpes atrás de golpes. Seu corpo saía de cada sessão completamente moído e precisava passar pelo menos meia hora dentro da banheira para esfregar os músculos doloridos. Mas precisava insistir. Algum dia, ganharia dela. Tinha certeza disso.

Enquanto os hematomas se curavam, a sua mente voltava a ferver, a agenda rodopiando sempre no limiar dos seus pensamentos. E no fatídico dia, Sherlock não suportou a pressão e usou de metáforas culinárias para extravasar sua irritação.

— Não é possível fazer uma omelete sem quebrar os ovos!

Irene e Nikola, acostumados ao crescente mau humor de Sherlock, não responderam à provocação.

— Algo vai acontecer até as 18:00 de hoje e nós não sabemos o que é!

Nikola compartilhava da dor de Sherlock, apesar de reconhecer sua total incapacidade de auxiliar o rapaz. Sua mente poderia resolver qualquer intrincado problema mecânico, mas não tinha o menor jeito para deduzir fatos. E ele achava que Irene não se importava.

O que era uma meia-verdade. Irene se importava com Nikola e com Ada (*ela*, talvez um pouquinho menos). E era bem

claro que estava furiosa com o sumiço do seu camafeu, a joia que tinha a única foto que restava da sua falecida mãe. Mas não poderia ser tão hipócrita para sentir nada além de frustração frente à *Great East Company*. Afinal, tirando seus capangas, que poderiam ser acusados de excesso de zelo ao tentar trucidá-los, a tal companhia não fizera nada diferente do que o seu próprio pai fazia. Para Irene e Arsène, o roubo era uma forma de vida.

Sherlock fitou o relógio de bolso durante todo o dia. Ao entardecer, ele o encarou fixamente enquanto os ponteiros se aproximavam da hora marcada. Por um momento, houve uma espécie de anticlímax, mas as dezoito horas vieram e se foram e o mundo continuou o seu percurso. Sherlock deixou o sótão, batendo a porta, e só retornou depois das nove, com parte do jantar.

— Aproveitem — disse, com evidente mau humor, enquanto despejava na mesa uma torta de carne e um bolo de aveia. — Meu irmão não veio jantar e sobrou bastante coisa.

Após o breve rompante, Sherlock se retirou, deixando os dois amigos sozinhos no sótão.

No dia seguinte, Mycroft não estava à mesa do café, o que era um tanto incomum. A mesa posta estava repleta de pães, bolos, queijos e frutas, jarras de suco, leite e café. Sherlock não estava com fome, mas precisava comer alguma coisa para poder roubar parte do desjejum. E a voracidade de Nikola parecia não ter fim. O pequeno garoto parecia comer como se não houvesse amanhã. Sherlock chegara a especular se isso era alguma espécie de ação preventiva para os dias magros que poderiam retornar, mas não tinha dados suficientes para chegar a uma conclusão. Nunca passara fome na vida e não imaginava como seria não saber se poderia comer a próxima refeição ou não.

Sherlock se serviu de uma torrada, pensando na ausência do irmão, mas o assunto foi completamente deixado de lado assim que passou os olhos pelos jornais matutinos.

A torrada ficou a meio caminho entre o prato e a boca por vários minutos, enquanto seus olhos passavam rapidamente de uma linha para a outra, mal acreditando no que estava lendo. Ele não notou a Sra. Macklin servir o café e foi com muito custo que terminou sua xícara antes de murmurar uma desculpa qualquer à cozinheira e subir correndo as escadas até o sótão, deixando a velha senhora sozinha, observando-o com o canto dos olhos.

— Onde *estar* o café? — perguntou Nikola, surpreso ao ver Sherlock irromper no sótão com os bolsos vazios.

— Esqueça o café — rosnou Sherlock, quase cuspidando as palavras e agitando os jornais com as mãos. — Ouçam isso:

Atentado na Estação Euston

O trem especial militar que trazia o adido francês de Birmingham até Londres sofreu um atentado no início da noite de ontem, na Estação Euston, junto ao Regent's Park. Exatamente quando o grande relógio instalado nos arcos apontava as dezoito horas, o comboio alcançou a estação. As portas foram abertas, mas o terceiro vagão permaneceu fechado. Depois de bater à porta, sem resposta, a fechadura foi forçada, exibindo um espetáculo horrível. Um estranho aparato estava caído aos pés dos ocupantes, todos eles mortos por uma força invisível.

O destacamento do exército francês que acompanhava o adido em sua excursão pelo interior do país morreu no atentado. No entanto, é consenso entre o Inspetor Vermont e o Inspetor Benedict, da New Scotland Yard, que o verdadeiro alvo era o General Renaud, o adido francês. O oficial vem atuando há muitos anos na aproximação entre a gloriosa Imperatriz Vitória e o trono francês, o que já atraíra uma série de críticas nos dois países. Não há maiores notícias ainda, mas suspeitas envolvendo movimentos separatistas foram levantadas pelos investigadores.

— Um atentado... — repetiu Nikola, sem acreditar.

— Exatamente às 18:00, como previa a agenda da Grande Oriente.

— Será uma coincidência? — questionou Irene.

Sherlock apenas a encarou e Irene soube o que ele pensava sem que nenhuma palavra fosse proferida.

— Mas por quê? Então, estamos errados, afinal? Qual é a relação deste atentado com os outros roubos?

— Pode... pode ser um objetivo diverso — comentou Sherlock, forçando sua mente a pensar de forma racional, mesmo diante da enormidade dos fatos. — Lembrem-se, esta era uma anotação muito diferente das demais. Esta Companhia... O Barão... Seus planos... Tudo está muito obscuro ainda. Seus objetivos podem ser maiores ou muito mais complexos do que imaginávamos. Eles poderiam estar atuando em várias frentes... Há várias possibilidades, na verdade.

Sherlock parou de murmurar, subitamente exausto.

— O que vamos fazer?

Ele piscou para Irene. Ela vestira seu casaco e estava em pé, pronta para a ação. Um sorriso brotou nos lábios de Sherlock. Ela tinha razão, era claro. Eles não podiam ficar simplesmente parados enquanto acontecimentos tão importantes irrompiam pela cidade. Era hora de agir.

— Vamos até a Estação — disse, determinado. — Talvez possamos descobrir alguma coisa.

Irene apenas assentiu, mas Nikola parecia discordar.

— Mas... e o café?

Sherlock não se dignou a responder. Ele dobrou os jornais e recompôs as próprias emoções.

— Vou entreter a Sra. Macklin. Esperem alguns minutos e desçam pelas sebes. Nos encontraremos na esquina.

E, dito isso, ele deixou o sótão, saltou pelos degraus empoeirados e avançou pela Ala Oeste da mansão até alcançar a escadaria imponente que o levaria até o *hall*. Imaginava que a Sra. Macklin ainda estaria ocupada retirando o café, então seria apenas uma questão de vigiá-la por alguns momentos e...

— Sra. Macklin? — disse, espantado ao encontrar a cozinheira ao pé da escada, olhando em sua direção.

— É, é esse o meu nome, menino Holmes — resmungou ela. — Preciso falar com o senhor.

— Ah, certo — disse ele, apenas por dizer, juntando a ponta dos dedos enquanto descia. — Mas, veja bem. Esta não é uma boa hora. Eu...

— É uma hora excelente, é sim — interrompeu ela, com ousadia. — Já dispensei as empregadas. Agora, chame os seus amigos.

— Meus amigos?

— Sim, seus amigos. Quero falar com eles.

— Com eles?

A Sra. Macklin o encarou, erguendo uma sobrancelha.

— Eu estou falando em russo?

A pergunta pareceu afastar a sensação de atordoamento de Sherlock, que engoliu em seco e respondeu.

— Não, senhora.

— Ótimo. Às vezes, eu me confundo. É a idade. Agora, traga o baixinho invocado e a menina silenciosa. Eles não comeram nada hoje e, como a minha mãe dizia, saco vazio não fica em pé.

— Mas... mas... a senhora sabia deles? — perguntou, perplexo.

— Jesus amado, menino! E o seu pai me disse que você era o mais inteligente. Ou será que é surdo?

Sherlock piscou os olhos, chocado.

— Meu pai... ele disse isso?

— E eu costumava acreditar na palavra dele, mas já estou em dúvida. Vá de uma vez, antes que eu perca a paciência, vá sim.

Mesmo surpreso por receber ordens em sua própria casa, Sherlock subiu até o segundo andar com os passos incertos e encontrou os dois junto à porta do sótão. Com um gesto, pediu para que eles descessem. Irene e Nikola o encararam, em dúvida, mas ele só conseguiu responder com um dar de ombros.

A Sra. Macklin... A cozinheira!

Ele simplesmente não sabia como explicar.

